

Gabriel Antunes de Araujo

University of Macau, Macau SAR, China

gabriel.antunes@icloud.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7337-3391>

POR Qual é o nome dos *dous paosinhos com que comê os Iapoês*?

Etimologia das palavras *fachis* e *faxi* (*hashi*) no português

Resumo: Este texto discute a datação da introdução, no século XVI, dos termos ‘fachis’ e ‘faxi (*hashi*)’, em português, para se referir a utensílios orientais utilizados para levar comida à boca. A metodologia utilizada envolve uma análise da literatura sobre essas palavras, na qual são abordadas inconsistências nas hipóteses que consideram os étimos cantoneses e japoneses como equivalentes, porém, as semelhanças entre esses étimos são mera coincidência. Ademais, propõe-se um novo *terminus a quo*, ‘faixas de comer’, de étimo cantonês, documentado por Michele Ruggieri (c. 1580), posto que a datação mais antiga (1586) apresentada por Dalgado (1919) provém do japonês. Conclui-se que dois étimos distintos deram origem às formas ‘faixas’, ‘fachis’ e ‘faichis’ (do cantonês) e às formas ‘faxi’ e ‘hashi’ (do japonês). Por fim, uma análise de *corpora* contemporâneos revela que a forma ‘hashi’ tem sido a mais frequente nos séculos XX e XXI, ao lado da forma autóctone e, igualmente frequente, ‘pauzinhos’.

Palavras-chave: Século XVI; Ruggieri; Dalgado; étimo; contato linguístico; Filologia.

ENG What are the names of the chopsticks used by Japanese people?

Exploring the Portuguese etymology of *fachis* and *faxi* (*hashi*)

Abstract: This article examines the introduction of the words ‘fachis’ and ‘faxi (*hashi*)’ into the Portuguese language during the sixteenth century. The methodology includes a critical analysis of the literature regarding the etymology of these words, addressing inconsistencies in hypotheses that suggest the Japanese etyma ‘faxi’ (1586) or ‘hashi’ (1906) and the Cantonese etymon ‘faichis’ (1874) are equivalent (Dalgado 1919). The similarities among these etyma are merely coincidental. Additionally, this study proposes a new *terminus a quo*, ‘faixas de comer,’ from a Cantonese etymon documented in Michele Ruggieri’s Portuguese-Chinese Dictionary (circa 1580). By establishing this new *terminus a quo* for the Portuguese word, this work offers fresh insights into the field of Portuguese etymology and the dynamics of language contact. Furthermore, an analysis of contemporary Portuguese corpora indicates that ‘hashi’ has been the most frequently used term in the twentieth and twenty-first centuries, alongside the native and equally common term ‘pauzinhos.’

Keywords: 16th Century; Ruggieri; Dalgado; etymon; language contact; Philology.

ESP ¿Cómo se llaman los palillos con que comen los japoneses?

Explorando la etimología portuguesa de *fachis* y *faxi* (*hashi*)

Resumen: Este texto discute la datación de la introducción, en el siglo XVI, de los términos ‘fachis’ y ‘faxi (hashi)’, en portugués, para referirse a los utensilios orientales utilizados para llevar la comida a la boca. La metodología empleada consiste en un análisis de la literatura sobre estas palabras, en el que se abordan las inconsistencias en las hipótesis que consideran equivalentes los étimos cantonés y japonés, cuando las similitudes entre ellos son mera coincidencia. Además, se propone un nuevo *terminus a quo*, ‘faixas de comer’, de etimología cantonesa, documentado por Michele Ruggieri (c. 1580), puesto que la datación más antigua (1586) presentada por Dalgado (1919) proviene del japonés. Se concluye que dos étimos distintos dieron origen a las formas ‘faixas’, ‘fachis’ y ‘faichis’ (del cantonés) y a las formas ‘faxi’ y ‘hashi’ (del japonés). Finalmente, un análisis de *corpora* contemporáneos revela que la forma ‘hashi’ ha sido la más frecuente en los siglos XX y XXI, junto con la forma autóctona, igualmente frecuente, ‘pauzinhos’.

Palabras clave: Siglo XVI; Ruggieri; Dalgado; étimo; contacto lingüístico; Filología

Sumário: 1. Introdução. 2. Discussão das propostas etimológicas prévias. 3. Terminus a quo: faixas de comer (Ruggieri c. 1580). 4. Considerações finais.

1. Introdução

O objetivo deste texto é discutir a datação da introdução das palavras *fachis* e *faxi* (*hashi*), bem como de suas múltiplas variantes gráficas (*faixas*, *faichi*, *faitchi*, *fachi* e *faxi*, *haxi*), no português. Mostraremos que a circulação, na língua portuguesa, de palavras que se referem aos pauzinhos¹ utilizados como talheres constitui um caso exemplar de contato linguístico e, ao mesmo tempo, revela que, em situações de contato, as influências linguísticas mútuas perduram por muito tempo, sobretudo na coexistência de línguas ou em contextos multilíngues (Perini-Santos 2015). Para isso, discutimos a introdução das palavras via empréstimo, considerando seus étimos. Como definido por Viaro (2011: 99) o étimo é a ‘forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer’.

Mostraremos que a análise da literatura revela uma hipótese, aqui contestada, que assume os étimos cantonês (*fachis*) e japonês (*faxi*) como equivalentes (Dalgado 1919; Gonçalves Viana 1906). Ademais, esses autores propõem que a forma escrita mais antiga (*faxi*) é a encontrada em um documento de 1586 (Lyra 1598). Contudo, aqui defenderemos que a primeira forma escrita, *faixas de comer*, *circa* 1580, é a documentada no *Dicionário Português-Chinês* (DPC) de Michele Ruggieri (Zhu 2025). Portanto, a proposta de um novo *terminus a quo*, *faixas de comer*, de étimo cantonês, e a nulificação da argumentação que considera os étimos cantoneses e japoneses equivalentes são contribuições deste texto para o campo da etimologia, da onomástica e da história da língua portuguesa.

O texto está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos as descrições etimológicas prévias, discutimos o trabalho de Dalgado (1919) e discutimos os étimos cantoneses e japoneses. Na seção 3, apresentamos um novo *terminus a quo*, isto é, uma data de registro ainda mais antiga do que as propostas por Dalgado (1919), de étimo cantonês, *faixas de comer*, como documentado na obra de Michele Ruggieri (*circa* 1580). Por fim, apresentamos nossas conclusões.

¹ Em 1603, no *Vocabulario da lingoa de Iapam* (Companhia de Jesus 1603: 83) os utensílios foram definidos como ‘*Dous paofinhos com que comẽ os Iapoẽs*’.

2. Discussão das propostas etimológicas prévias

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss / Villar 2009a) não define o verbete *hashi*, mas remete-o ao verbete *fachi*, que é definido como:

- (1) <FACHI> CHN os dois pauzinhos com que os orientais levam a comida à boca. (Houaiss / Villar 2009b)

O Dicionário Houaiss atribui a fonte da informação etimológica da palavra *fachi* à Dalgado (1919), que, por sua vez, elaborou uma longa discussão sobre o termo, estabelecendo 1586 como o ano do primeiro uso escrito. Contudo, o Houaiss afirma que ‘hoje a forma mais corrente é mesmo o japonismo *hashi*’. O dicionário online Priberam (Priberam 2008–2025a), por seu turno, remete o verbete *hashi* a *fachis* (Priberam 2008–2025b), sem, todavia, destacar o uso de *hashi*:

- (2) <FAICHIS> [China: Macau] Conjunto de dois paus compridos e delgados, de origem oriental, usados para levar a comida à boca (ex.: *fachis de bambu*). = FAICHIS, PAUZINHOS (Priberam 2008–2025b)

Dalgado (1919: 384–385) discute a etimologia de *fachis* na sua obra. Aqui, retomaremos o texto elaborado por Dalgado (1919) para atualizarmos a sua discussão. Inicialmente, o autor estabelece que a palavra é um nome masculino plural, tradição mantida no Dicionário Priberam (2008–2025a), diferentemente do Dicionário Houaiss, que prefere a forma singular. Em seguida, cita o texto do proponente da etimologia, Gonçalves Viana.

“É muito conhecido êste têrmo em Macau, pois designa as duas varetas com que os chineses comem, e que lhes servem de garfo. É palavra chinesa de Cantão *fa-chi*, (*fa-tsze*), que passou ao japonês, em que se prefere *fàxi*.” (Dalgado 1919: 384, citando Gonçalves Viana, Apostilas.)

O texto de Gonçalves Viana (1906), entretanto, é ligeiramente diferente, pois Dalgado o altera com o acréscimo de uma romanização da palavra em cantonês (*fa-tsze*) e a troca de <o> por <e> em *prefere*. No texto original de Gonçalves Viana (1906: 429–430) se lê:

“É muito conhecido êste termo em Macau, pois designa as duas varetas com que os chineses comem, e que lhes servem de garfo. É palavra chinesa de Cantão, *fachi*, que passou ao japonês, em que se profere *fàxi*.”²

Em seguida, Dalgado (1919: 384) contesta Gonçalves Viana:

“A fonologia japonesa não admite o fonema *f* senão quando é seguido de *u*, como em *funé*, ‘embarcação’, *fuin*, ‘arcebispo budista’. A forma é, portanto, *haxi*. Mas os escritores antigos transcreviam o japonês *h* por *f*, como em *fanjo* por *hanjo*, ‘florescimento’, *fijiri* por *hijiri*, ‘bonzo de ordem militar’, *fotoqué* por *hotoke*, ‘divindades budistas’. É por isso mais provável que o português *fachi* provenha do japonês *hashi* ou *haxi* que do cantonês *fai-tsze*, *kuai-tsze* em geral. *Faxi* figura em uma carta do Japão de 1586.”

Inicialmente, Gonçalves Viana atribui a circulação da palavra a região de Macau, o centro português da missionação jesuíta na China. Todavia, ao mencionar que se trata de uma palavra chinesa da província de Cantão, não fica claro se Gonçalves Viana se refere à língua cantonesa (a língua da família sino-tibetana mais falada na região de Cantão) ou se considera essa língua um dialeto da ‘língua chinesa’. De qualquer forma, associa a forma japonesa a um empréstimo de étimo cantonês. Dalgado, por seu turno, alega que a língua japonesa não admite o fonema /f/. Trata-se de uma afirmação imprecisa. No japonês do século XVI (japonês médio tardio), as palavras que hoje são pronunciadas com uma fricativa glotal [h], como [h]ashi, eram pronunciadas com uma consoante fricativa bilabial [ɸ], representada pelos missionários como <f> (Collado 1632). De fato, segundo a descrição de Collado (1632: 4), a língua japonesa possuía uma consoante fricativa bilabial, [ɸ], grafada em sua gramática como <f>:

‘A letra *f* é pronunciada em várias regiões do Japão como na língua latina. Em outras regiões, é pronunciada como se fosse um *h* imperfeito. Em ambas as

² Gonçalves Viana (1906: 430) continua: “Os portugueses costumam usar o vocábulo no plural, como é naturalíssimo, visto nunca se empregar uma só dessas varetas. Fernám Méndez Pinto chama-lhe pauzinhos: — ‘Em suas cortesias são [os chins] homens de muito primor: no modo de vestir, assi homens como mulheres, muyto honestos, e muy bem tratados, per que geralmente se fazem muytas sedas no reyno; a terra é muyto fértil e muy abundosa de mantimentos, fruytas, agoas, muyto singulares jardins muyto frescos, toda maneira de montaria e caça: não poem mão no comer, mas todos geralmente, pequenos e grandes, [comem] com dous pauzinhos por limpeza” — Inclui nota: “Cristóvão Aires. FERNÃO MENDES PINTO, Lisboa, 1904, p. 118.”

pronúncias, os lábios e a boca não devem ficar completamente fechados, como em *fito*.’³

Portanto, uma das primeiras gramáticas elaboradas por ocidentais da língua japonesa, descreve o som de *f*, embora não seja completamente explícita em relação à consoante fricativa bilabial. Adicionalmente, Frellesvig (2010: 305) afirma que, no período do japonês médio tardio (1200-1600), havia um fonema /f/, em vez de um /h/. Inicialmente, esse fonema /f/ era um produto de uma mudança linguística /p/ > /f/. Ainda segundo Frellesvig (2010), ao longo da história da língua japonesa, duas mudanças afetaram o /p/ do japonês antigo. Numa, o /p/ intervocálico resultou em /w/. Noutra, houve a mudança⁴ /p/ > /f/ > /h/, sendo que o processo de mudança de /f/ do período do japonês médio tardio para /h/ foi, finalmente, completado no período do japonês moderno (depois de 1600, na era Kamakura em diante). Além disso, em alguns contextos, especialmente diante de [u], [ɸ] é um fone encontrado até no japonês moderno, como em ふたつ [ɸu]tatsu ‘dois itens’. Ainda assim, a mera existência de uma pronúncia de um fone parecido com [f] não é suficiente para validarmos a afirmação sobre a origem japonesa do étimo português de Dalgado, sem uma discussão sobre o item cultural em si e sobre as várias maneiras de nomeá-lo.

Segundo Miura (1991), o item cultural ‘pauzinhos’ teve origem na China, tendo, posteriormente, se espalhado pelo Japão, pela Coreia e por Taiwan, onde permanecem amplamente utilizados até à atualidade. Miura sublinha ainda que se pode considerar que havia, de fato, entre os países vizinhos, uma ‘admiração pela cultura avançada da China’⁵ (Miura 1991: 73). Isso serviu como um importante catalisador para a disseminação dos pauzinhos nestas regiões. De acordo com Wang (2015: 17), há evidências do uso desses utensílios na China a partir da Dinastia Shang (c. 1600-1046, antes da Era Cristã), ou seja, há mais de 3300 anos (Anderson 1988). Há cerca de 2500 anos, contudo, o uso se difundiu por toda a China, sendo adotado por todas as classes sociais (Masako 2001). Wang (2015) menciona o nome dos pauzinhos em várias línguas ocidentais — *chopsticks* em inglês, *baguettes* em francês, *palillos* em espanhol, *Eßstäbchen* em alemão, *bacchette* em italiano, *palochki dlia edy* em russo. Mas conclui: ‘*An interesting exception is that in Portuguese,*

³ Nossa tradução do original: ‘*Litera, f, in aliquibus Iaponiae prouincijs pronunciatu[r] sicut in lingua Latina; in alijs autem ac si esset, h, non perfectum: sed quodam medium inter, f, &, h, os & labia plicando, & claudendo, sed non integrum, quod vsu facillè compertum erit: v.g. fito.*’ (Collado 1632: 4).

⁴ Exceto na consoante geminada /pp/ [pp] e seguindo consoante nasal, realizado, neste caso, como [mb] (Frellesvig 2010: seções 11.3.1 e 11.3.2).

⁵ Texto original: 中国先進文化への憧れ.

chopsticks are referred to as hashi, the same as in Japanese, reminding one of the Jesuit mission in Asia back in the sixteenth century.’ (Wang 2015: 148). No Japão, os pauzinhos, introduzidos nas eras Nara e Heian (710-1185), tornaram-se populares entre todas as classes na era Kamakura (1185-1333) (Masako 2001; Wang 2015).

Os caracteres empregados para se representar o termo escrito tanto em mandarim como em cantonês são 筷子. Todavia, as pronúncias são diferentes: em cantonês, usa-se [fa:j³tsɿ²] e, em mandarim, tem-se [k^waj⁴tsə³]. No maquista (Crioulo de Macau), os termos *faichi*⁶ [faj'tʃi] e *faichista*⁷ [faj'tʃista], empréstimos de étimo cantonês, são empregados para se nomear os pauzinhos e os homens ‘que, no jogo de *fan-tan*, conta [*sic*] os botões (outrora sapecas) com a vareta, retirando quatro de cada vez até apurar o resultado. A varinha tem o formato de um faichi longo.’ (Fernandes / Baxter 2004). Portanto, as pronúncias encontradas no maquista e no cantonês (em Macau) e a pronúncia do japonês do século dezessete são convergentes.

Nesse sentido, Viaro (2011: 98) afirma que:

‘Dadas duas línguas quaisquer, se um elemento de seu vocabulário é parecido ou idêntico, tanto no significante, quanto no significado, isso pode dever-se basicamente a três fatores distintos: coincidência, empréstimo ou origem comum.’

A mera coincidência, segundo Viaro (2011), é um fenômeno comum. O autor, para exemplificar, cita as palavras para ‘olho’ no grego moderno, *máti* e, em malaio, *mata*. Todavia, essa semelhança não reflete uma relação genética e tipológica entre essas línguas. Portanto, não há relação de empréstimo. Sobre isso, Viaro (2011: 99) acrescenta:

‘O empréstimo ocorre quando línguas estiveram comprovadamente em contato direto, envolvendo ou não bilinguismo (...) ou quando uma delas teve algum prestígio e influência cultural e, nesse caso, não supõe necessariamente contiguidade espacial (...).’

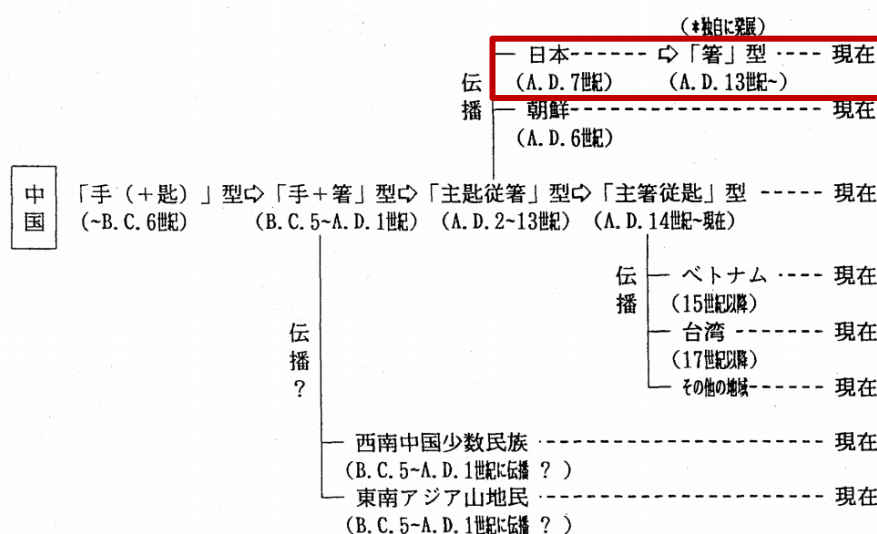
Tanto no chinês quanto no japonês, emprega-se também, na escrita, outro caractere, 箸, o que é evidência do intercâmbio cultural. Não obstante, as pronúncias dessas palavras são diversas há pelo menos quinhentos anos (quando aparecem as

⁶ Gravação disponível em <https://www.macaneselibrary.org/pub/uiExtFiles/Lexicon/F/Faichi.mp3>

⁷ Gravação disponível em <https://www.macaneselibrary.org/pub/uiExtFiles/Lexicon/F/Faichista.mp3>

documentações jesuítas que tipificam a fala tanto do japonês quanto das línguas cantonês e mandarim). Não resta dúvida de que tanto os utensílios em si quanto sua representação escrita tiveram origem na China: segundo Miura (1991: 73), o utensílio e a grafia teriam sido introduzidos no Japão no século VII, como se vê no destaque da Figura 1, o nome do país 日本 (Japão) (A[nno] D[omini] 7º século).

Figura 1: A história e a difusão do termo ‘pauzinhos’ da China para outros países asiáticos.
Fonte: Miura (1991: 73).



第18図 箸の伝播

Em japonês, também se utiliza a forma escrita silábica hiragana はし, *hashi*, [haʃiʲ], como substituta do kanji (ideograma) 箸. A pronúncia [haʃiʲ] e suas formas procedentes 橋 e はし (*hashi*), significam, de acordo com Miura (1991: 44), ‘a ponte que liga os alimentos e as pessoas’; ou 端 (はし, *hashi*) que significa ‘extremidade’; ou, parcialmente, 柱 (はしら, *hashira*), que significa ‘coluna ou pilar’. Assim, a pronúncia japonesa deriva de um conjunto de motivações semânticas próprias, enquanto apenas o kanji (ideograma) foi emprestado da escrita chinesa. Com efeito, quando os pauzinhos foram introduzidos no Japão, o termo mais utilizado era 箸, em vez de 快子 ou 筷子. Ademais, as línguas não são geneticamente relacionadas, posto que as línguas chinesas (mandarim e cantonês) pertencem à família sino-tibetana, ao passo que o japonês pertence à família japônica (Eberhard et al. 2024). Igualmente, não possuíam uma história de contato recente na época da chegada dos portugueses à Ásia Oriental, devido às políticas de isolamento do império chinês e às dificuldades de navegação oceânica na região. Por fim, o empréstimo

inicial de alguma língua chinesa para o japonês evoluiu para uma solução linguística interna, como uma nomeação autóctone ou metafórica. Segundo Yin et al. (2017), foi somente durante a dinastia Ming que o uso dos caracteres 快子 se generalizou. Embora, em cantonês, os pauzinhos possam ser representados na escrita por 筷子 <faai³zi²> ou 箸 <faai³zyu⁶>, cujas pronúncias apresentam certa semelhança fonética com a forma japonesa *faxis*, documentada em 1586 (Lyra 1598), trata-se de uma coincidência. Portanto, a semelhança entre a pronúncia da consoante inicial <f> nos étimos cantoneses e japoneses, exemplificada na incorporação de itens lexicais pelos portugueses, deve-se ao acaso e não a uma origem tipológica comum ou a um empréstimo linguístico nestas línguas.

Ademais, em sua análise, Dalgado (1919: 384) cita fontes nas quais os utensílios são mencionados, porém não nomeados:

- (3) a. Em 1516: ‘Nom tocaom [os chineses] com ha mão ho que comem, chegaom muyto o prato ha boca, e com hũas tanazes de prata ou pao, metem ho comer ha boca muy há meude, porque comem muyto de pressa’. Duarte Barbosa, *Livro*, p. 382.’
- b. Em 1542: ‘Emquanto comiamos tiveram muytos passatempos de bons ditos com seu irmão quando virão que comiamos com as mãos, porque em todo aquelle imperio Chim se não costuma comer com a mão, como nós fazemos, senão com dous paos feitos como fusos’ Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 83.’
- c. Em 1569: ‘Estauam dous paoszinhs dourados muito galantes pera comer com eles metidos antre os dedos: vsam deles a modo de tenazes’. Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, cap. 13.’

Finalmente, o termo *faxis* aparece em uma carta escrita em 1586, publicada no volume *Cartas de Japão* (Lyra 1598: 177v).

Figura 2: Excertos da carta do jesuíta Luis Froes, escrita em 1586. Fonte: Lyra 1598, fólio 177v.

foi correndo por os padres & irmãos: & trazendolhe diante a saca-

ua que se da com o sacasuquí por fruta, tomou os faxis, & com sua propria mão a deu aos padres, & irmãos. (...)

Na leitura de Dalgado (1919: 384):

E trazendolhe diante a *sacana* [comida que acompanha a bebida do *saquê*] que se dá com o *sacazuquí* [copo de vinho] por fruta, tomou os **faxis**, e com sua própria mão a deu aos padres, e irmãos. [grifos de Dalgado]

Portanto, o primeiro registo escrito da palavra *faxis* teria aparecido em uma carta (relatório) elaborada no Japão pelo jesuíta Luis Froes, endereçada ao Padre Visitador Alessandro Valignano, em Macau (Lyra 1598: 177v). Porém, no trabalho de Dalgado (1919), a estruturação do verbete prossegue ao incluir fontes que apresentam dados do cantonês, do mandarim e do japonês:

- (4) a. ‘1729⁸: Não usam nas mesas de toalhas, guardanapos, facas, e nem de garfos, mas sim sómente de huns *Kuai zu*⁹, ou palitos redondos, com que facilmente tudo comem, porque tudo lhe vai á mesa feito em bocadinhos’. *Apud* Júlio Biker, *Colecção de Tratados*, VI, p.165.’
- b. ‘1874: Collocaram perante cada um dos convivas um tambo acharoadado sobre o qual havia um frasco de *saki* tepido, uma diminutissima chavena, muitas tigelas

⁸ Dalgado (1919) cita a obra de Biker (1882), uma coleção de tratados e documentos oficiais portugueses. Biker, por sua vez, reproduz a *Relação Oficial da Embaixada do Rei D. João V de Portugal ao Imperador Yongzheng em 1725-1728* (Xavier da Rua 2023). Na edição de 2023, o manuscrito recebeu uma leitura modernizada e na página 227, há a reprodução do trecho citado por Dalgado. O manuscrito é um diário da expedição, contudo a menção ao *kuaizi* se encontra na parte intitulada *Breve e sumária notícia de algumas coisas pertencentes ao Império da China*, sem data. Posto que a expedição retornou à Lisboa em 1728, a data de 1729 é imprecisa.

⁹ No manuscrito original de Xavier da Rua (2023, fólio 67v), lê-se ‘*kuaizu*’, escrito no contexto ‘[...] mas sim som^{[en]te} dehuns *kuaizi*, ou palitos redondos [...]’:

com todos os acepipes nacionaes, e os dois pausinhos, chamados **fachi** em Macau, que servem de colher e garfo no extremo oriente’. Pedro G. Mesnier (1874), *O Japão*, p. 141.’

c. ‘1897: Os chineses para comer fazem uso dos ‘pausinhos’ a que chamam *Kwai-tse* e que nós conhecemos pela denominação inglesa ‘*Chopsticks*’; são de madeira ou marfim, de 20 a 30 centímetros de comprido, quadrados na parte superior com 8 a 10 milímetros de lado, e redondos no resto do comprimento’. Joaquim C. Crespo, *Cousas da China*, p. 231.’

d. ‘1900: ‘E devoram esse arroz com o auxilio de pausinhos ou pequenas varas (**fai-chis**)’, que tanto podem ser de madeira pintada, como de ebano, marfim ou qualquer substancia mais preciosa’. *Ta-ssi-yang-kuó*, de Fevereiro.’

e. ‘1902: Collocam, por exemplo, sobre uma meza, umas pequenas esferas, muito lisas feitas de marfim ou de metal, e obrigam a noiva a levantar-as com dois **fai-chis** (uns pausinhos com que comem). Ora os **fai-chis** deslizam naturalmente sobre a superficie da esphera, e neste caso, ha grandes gargalhadas e troça de toda a sorte é dirigida á pobre que se vê nestes apertos’. *Ibid.*, II, p. 215.’

f. 1906: ‘... e mais um desses pausinhos que se chamam *hashi*, com o comprimento de um palmo, substituindo na mesa japoneza o garfo e a colher’. Venceslau de Moraes, *Paisagens da China e do Japão*, p. 218.’¹⁰

O dado em (4a), *Kuai zu*, em um documento de 1729 (1725-8), mostra que a palavra ainda precisava de uma explicação: ‘palitos redondos’. Contudo, o autor emprega uma forma romanizada da língua mandarim, 筷子, *Kuàizi* (no sistema de escrita pinyin). Todavia, a forma escrita *kuaizu* e suas variantes não se estabeleceram na língua portuguesa e aparecem muito raramente (cf. Tabela 2, seção 3). Já no dado em (4b), temos novamente a explicação ‘dois pausinhos’, seguida do emprego do termo e da localização da região de uso: ‘chamados **fachi** em Macau’. O autor, Pedro G. Mesnier, entrou em contato com o termo no Japão e registrou seu uso, posto que Macau foi apenas uma das paradas na sua viagem ao império nipônico. Aqui, não obstante, o termo não é mais empregado como no mandarim, mas utiliza-se uma adaptação da palavra cantonesa: *fachi*, forma ajustada da pronúncia dos mesmos caracteres empregados no mandarim, 筷子, romanizados como *faai³zi²* no cantonês. Em 1897, entretanto, a fonte citada por Dalgado, em (4c), menciona novamente a palavra cuja pronúncia deve ser ligada ao mandarim, *Kwai-tse*, mas inclui o comentário: “que nós conhecemos pela denominação inglesa

¹⁰ Dalgado (1919: 385) inclui um outro comentário, fora da ordem, pois o mesmo aparece depois da fonte de 1906, datado de 1585, em espanhol, pelo Fr. Joan G. de Mendoça que descreve o utensílio, mas não o nomeia. Será ignorado aqui.

‘*Chopsticks*’”. Portanto, neste momento, Joaquim C. Crespo não se refere mais a Macau, nem ao Japão, mas liga o termo à língua inglesa.

Nas fontes de 1900 (4d) e 1902 (4e), oriundas da mesma publicação seriada *Ta-ssi-yang-kuó* (Marques Pereira 1900; Souza Caldas 1902), escritas em Macau, a palavra *fai-chis*, com uma romanização que é uma reprodução aproximada da pronúncia cantonesa, aparece com e sem explicação. Marques Pereira (1900), na página 294, citada por Dalgado (1919), escreve ‘pausinhos ou pequenas varas (**fai-chis**)’. Adiante, Marques Pereira (1900: 298), emprega apenas ‘pausinhos’:

‘(...) Na Europa seria, além de nojento, grosseiro, que um conviva pretendesse com o seu garfo introduzir na bocca do visinho qualquer iguaria; na China é o supra-summo da delidadeza [sic], do bom-tom, o apresentar ao visinho, na ponta dos pausinhos bem lambidos, um pedacito de qualquer petisco!’

Adicionalmente, Marques Pereira (1900: 303) emprega o termo, mais uma vez, acompanhado de uma explicação: ‘(...) Ensina-lhe, entre outras cousas, que *comesse de tudo*, e que nunca regeitasse o que o vice-rei lhe offerecesse com os próprios pausinhos ou *fai-chis*’. Todavia, na página seguinte, Marques Pereira (1900: 304), finalmente emprega o termo nativizado, pela primeira vez sem usar uma explicação, embora ainda anote-o em itálico:

‘(...) e, sem se se lhe contrahirem os musculos do rosto, abriu a bocca e foi engulindo os bocados de toucinho, a saliva do vice-rei de que estavam impregnados os *fai-chis*, e engoliria até os proprios pausinhos — tão dedicado se mostrava ao sublime sacrificio da Patria!’

Souza Caldas (1902: 215) também emprega tática semelhante: na primeira menção explica a palavra *fai-chis* ‘uns pausinhos com que comem’, para, em seguida, assumi-la como incorporada à língua: ‘Ora os **fai-chis** deslizam...’.

Por fim, Dalgado (1919) cita Wenceslau Joze de Souza de Moraes que emprega o termo *hashi*. Seguindo o mesmo padrão de Marques Pereira (1900) e Souza Caldas (1902), Moraes (1906: 218) incorpora o termo *hashi* ao seu texto, sem necessitar de explicá-lo novamente:

‘“(...) e mais um desses pausinhos que se chamam *hashi*, com o comprimento de um palmo, substituindo na mesa japoneza o garfo e a colher. Perguntou a mãe

para que? e foi-lhe respondido que, para a longa viagem que ia empreender, a tigela seria o barco, o *hashi* seria o remo, tudo proporcionado ao seu tamanho’.

Em resumo, Dalgado (1919) apresentou as formas do japonês (*faxii e hashi*), do mandarim (*kuai zu*) e do cantonês (*fai-chis*), assumindo a equivalência entre elas. Contudo, a análise demonstrou que a forma romanizada do mandarim é diversa das demais e que a semelhança fonética entre as formas *faxi* e *faichi* deve-se, na verdade, ao acaso.

3. *Terminus a quo*: faixas de comer (Ruggieri c. 1580)

O jesuíta Michele Ruggieri (羅明堅, 1552-1610) elaborou o primeiro dicionário português-chinês (mandarim), na década de 1580¹¹ (Song 2025; Zhu / Araujo 2025). Posto que possuía conhecimentos limitados de mandarim no início de seu trabalho, seus colaboradores deviam lhe oferecer a forma escrita, em caracteres chineses, da entrada em português. Na dinâmica da elaboração do dicionário, na seção das letras D-Z¹², Ruggieri falava a palavra em português; os colaboradores a pronunciavam em mandarim; Ruggieri escrevia uma forma romanizada (como se fosse uma transcrição fonética da pronúncia) e, por fim, o colaborador escrevia o termo em caracteres chineses (Zhu / Araujo 2025).

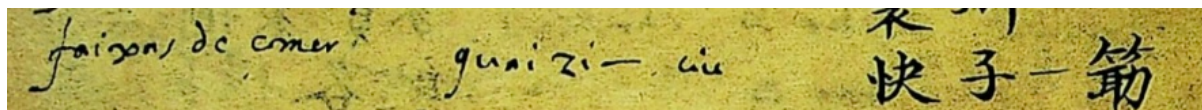
Na Macau de Ruggieri, o termo para se referir aos *pausinhos com que os chineses comem* já circulava na língua portuguesa, adaptado: *faixas de comer*. Ademais, a entrada *faixas de comer* não está listada no Dicionário Cardoso (1569), base do DPC, e não pode ser atribuída à forma do mandarim *kuaizi*. A circulação de Ruggieri na China sempre esteve limitada à província de Cantão e a Macau, regiões de contato entre as línguas cantonesa, maquista e portuguesa. Portanto, Ruggieri incluiu essa entrada no DPC porque a considerava importante e representativa para o seu dicionário, posto que era o termo

¹¹ No momento, não é possível estabelecer uma datação consensual para a elaboração do *Dicionário Português-Chinês* de Ruggieri (Zhu 2025). O mais razoável seria considerá-lo um trabalho que teve início quando Ruggieri começou a aprender português (1580) e prossegue por vários anos, em diferentes lugares. Segundo Song (2025) Ruggieri, teria tido os primeiros contatos com os intérpretes chineses em abril de 1580, por ocasião de sua primeira visita à província de Cantão e, nesse contexto, começou a redigir o DPC. A maior parte do trabalho estaria concluída em 19 de junho de 1581, durante a sua segunda estadia em Cantão. As partes adicionais teriam sido acrescentadas em Macau e em Zhaoqing, possivelmente também em outras regiões, como Zhejiang. A elaboração da quarta coluna, em italiano, por exemplo, encontrada nos primeiros fólios e em algumas anotações posteriores em chinês, com outras tintas, possivelmente ocorreu na Itália, na década de 1590. Aqui, assumimos, corroborando Song (2025), que o DPC tenha sido elaborado por volta de 1580.

¹² Na seção A-C, Ruggieri trabalha com uma lista previamente elaborada em português. Por isso, a dinâmica da coleta de dados do mandarim difere substancialmente daquela da seção D-Z (cf. Zhu / Araujo 2025).

empregado no português de Macau e no maquista para designar esses utensílios usados na China. Na figura 3, apresentamos como o termo aparece no Dicionário Português-Chinês de Michele Ruggieri:

Figura 3: Excerto do fôlio 99v do Dicionário Português-Chinês de Michele Ruggieri. Fonte: Ruggieri / Ricci (2001).



A leitura de Zhu (2025: 441) do texto manuscrito de Ruggieri:

Semidiplomática	Romanização	Caracteres chineses
faixas de comer	quai zi - ciu	快子 - 筴

Trata-se, desta maneira, da primeira vez em que a palavra *faixas* foi documentada, em português, com o sentido de ‘pauzinhos usados para levar a comida à boca’. Isso permite acrescentar a forma proposta por Ruggieri ao rol de empréstimos ao português, tornando-a o *terminus quo* do problema etimológico aqui proposto.

O termo 快子 corresponde à romanização de Ruggieri ‘quai zi’, enquanto 筴 corresponde a ‘ciu’ (ver Figura 3). 筴 é uma variante gráfica do caractere 箸 (zhù), que compartilha com ele a mesma pronúncia. Já 快子, cuja forma moderna é 筷子 (筷 kuài zi), teve adicionado a forma radical do caractere 𦵏 (zhú, bambu)¹³, posto que a maioria dos pauzinhos era confeccionada em bambu, resultando na grafia 筷, permanecendo, contudo, homófona ao original. Porém, 箸 surge registrado como 筴 no DPC, com pronúncia romanizada “ciu”, distinta da pronúncia em japonês (*hashi*). Assim, tanto 筷子 quanto 箸 designam, em português, os “pauzinhos” usados para comer. Observa-se que o uso de pauzinhos tem uma longa história. O objetivo da substituição de 箸 por 筷子 era evitar escritas relacionadas ao tabu. Portanto, tal substituição decorre do fato do termo 住 (zhù, ‘ficar parado’) ser homófono a 箸 (zhù, ‘pauzinhos’). Na cultura dos pescadores, isso poderia sugerir que a embarcação permanecesse imóvel, sem prosseguir viagem. Para afastar essa conotação não auspiciosa, os pescadores passaram a recorrer ao

¹³ Para designar a palavra *bambu*, emprega-se o caractere 竹. Aqui, 𦵏 corresponde ao radical do caractere e não é utilizado de forma isolada.

caractere 快 (kuài, ‘rápido’), que simboliza velocidade e fluidez, garantindo, assim, um percurso próspero e sem obstáculos (Yin et al. 2017). Todavia, na antiguidade chinesa, prevalecia a forma escrita 箸, ao passo que a forma 筷子 é relativamente mais recente¹⁴:

- (5) a. Exemplo de escrita de 109 a.C. a 91 a.C.:
紂為象箸而箕子唏. (史記·十二諸侯年表)¹⁵
Tradução: O rei Zhou utilizou pauzinhos de marfim para comer, o que provocou o temor do ministro Jizi.
- b. Exemplo de escrita usada durante os séculos II e IV:
嘗食雞子, 以筯刺之, 不得, 便大怒, 舉以擲地. (世說新語·忿狷)¹⁶
Tradução: Certa vez, ao tentar comer um ovo com os pauzinhos, não conseguiu e, tomado pela irritação, atirou o ovo ao chão.
- c. Exemplo de escrita durante a dinastia Ming, 1368-1644:
民間俗諺, 各處有之, 而吳中為甚. 如舟行諺“住”, 諺“翻”, 以“箸”為“快兒”, “幡布”為“抹布”. (菽園雜記·卷一)¹⁷
Tradução: As comunidades ribeirinhas temiam a lentidão da navegação e, sobretudo, o risco de naufrágio, evitando, por isso, palavras como 住 e 翻. Como 箸 (pauzinhos) era homófono de 住, passou a ser chamado 快兒; o pano antes denominado 幡布 foi substituído por 抹布.

Na Tabela 1, apresentamos uma linha do tempo com os principais registros dos termos incorporados à língua portuguesa para se referir aos pauzinhos utilizados para levar comida à boca, no período de c.1580 a 1906. As grafias *faixas*, *faichi* e *faichi* aparecem em documentos elaborados em Macau e na província de Cantão, com influência cantonesa; as grafias *faxi* e *hashi* aparecem em documentos elaborados no Japão e a grafia *kuaizi* ocorre em um documento elaborado na corte imperial e diz respeito ao nome em mandarim.

Tabela 1: Datação dos registros escritos das palavras *faixas*, *faichis*, *hashi* e variantes (c.1580 a 1906).

Língua	Termo	Ano	Autores		Fontes	
Cantonês	faixas de comer	c.1580	Ruggieri		Zhu (2025)	
	faichis, fai-chis	1874, 1897, 1898, 1900, 1902	Mesnier, Crespo, Pereira, Souza Caldas	Callado Marques	Mesnier (1874), Crespo Marques (1898), Pereira (1900), Souza Caldas (1902)	

¹⁴ Zhu Chenglin, a quem agradecemos, gentilmente elaborou a tradução dos textos clássicos chineses.

¹⁵ Sima Qian. n.d. *Shiji*, Vol. 14: 十二諸侯年表第二 [Twelve Feudal Lords Chronicle II], Item 2. Chinese Text Project. Acessado em [22/09/2025]. <https://ctext.org/wiki.pl?if=gb&chapter=712825>.

¹⁶ Liu Yiqing. n.d. *Shishuo Xinyu*, “Fènjuàn — 忿狷”, Item 2. Chinese Text Project. Acessado em [22/09/2025]. <https://ctext.org/shi-shuo-xin-yu/fen-juan/zh>.

¹⁷ Lu Rong. n.d. *Shuyuan Zaji*, Vol. 1, Item 25. Chinese Text Project. Acessado em [22/09/2025]. <https://ctext.org/wiki.pl?chapter=300654&if=en&remap=gb>.

Japonês	faxis, faxi	1586, 1603	Froes, Nippo-Jisho	Lyra (1598), Companhia de Jesus (1603)
	hashi	1906	Moraes	Moraes (1906)
Mandarim	kuaizi	1725-28	Xavier da Rua	Xavier da Rua (2023)

Em resumo, podemos agrupar as etimologias em três conjuntos, geograficamente limitados a Macau, à China continental e ao Japão. Primeiramente, a palavra *faichi* e suas variantes circularam na região de Macau. Nesse sentido, de forma bem característica, na tradução portuguesa de Luís Gonzaga Gomes, de 1950, da *Monografia de Macau* (Yin / Zhang 1751 [1950]), aparece o termo *faichi*. No caso da China continental, o termo *kuaizi* consta no diário de uma expedição oficial à China. Já o termo *hashi* aparece em textos coordenados por jesuítas no final do século XVI e no início do século XVII. Posteriormente, findo o período de isolamento do Império do Japão em 1868, o país passou a receber viajantes, como Wenceslau de Moraes, que reintroduziu o termo *hashi* na língua portuguesa. Por fim, a imigração japonesa ao Brasil (com início em 1908) leva o português (mais uma vez) ao contato com a língua e a cultura nipônicas. O soft-power das culinárias japonesas e chinesas, finalmente, acaba por difundir os termos *hashi* e *pauzinhos* nos séculos XX e XXI.

Com a ampla difusão do termo *hashi* nos séculos XX e XXI, é pertinente analisar a consolidação do seu uso na língua portuguesa contemporânea. Outrossim, o uso dos utensílios e de seus nomes está estabelecido na língua portuguesa, como se demonstra com base nos dados do *Corpus do Português* (Davies 2016–). Essa base de dados contém cerca de 2,5 bilhões de palavras com exemplos em contexto, divididas em três subcorpora: *Web/Dialects* (online/dialetos), *Historical genres* (gêneros históricos) e *News on the web* (notícias online). A Tabela 2 sumariza os dados das seguintes palavras e expressões encontradas no *Corpus*: *hashi* e *hachi*, *fachi* e *faichi*, *kuaizi* e *kuaii*, *pauzinhos* e *palitinhos*. O termo *pauzinhos* (incluindo *pauzinhos chineses* e *pauzinhos japoneses*) é o mais frequente, com 144 tokens, seguido por *hashi*, com 137 tokens. Os termos *faichi* e *fachi* aparecem 3 vezes. Já os termos *kuaizi* e *kuaii* aparecem duas vezes. O termo *palitinhos* ocorre 8 vezes.

Tabela 2: Dados de frequência do Corpus do Português, divididos em três grupos, cf. Davies (2016–). Quando os números aparecem em pares, o primeiro se refere aos itens com o sentido aqui pretendido, e o segundo ao número total de itens no corpus (entre parênteses).

Termo	Web/Dialects	Historical genres	News on the web
hashi	90 (140)	1	46 (85)
hachi	1 (60)	-	1
fachi	1	-	1(16)
faichi	1	-	-
kuaizi	1	-	-
kauui	-	-	1
pauzinhos	1	-	124 (381) ¹⁸
pauzinhos chineses	9	-	7
pauzinhos japoneses	3	-	-
palitinhos	-	-	8(74)

Portanto, o item de empréstimo *hashi* é o mais frequente, mas a forma (nativa) descritiva *pauzinhos* se destaca, muitas vezes, como termo explicativo da palavra incorporada ou quando substitui o item incorporado por completo.

4. Considerações finais

Neste texto, discutimos a etimologia das palavras *faichi* e *hashi* (e variantes) no português desde o século XVI. Partindo da proposta etimológica de Dalgado (1919), apontamos algumas limitações naquela análise e, recorrendo às fontes, mostramos que havia uma pressuposição de que se tratava do mesmo étimo, cuja pronúncia e forma seriam convergentes em cantonês e japonês. Embora os étimos defendidos por Dalgado (1919) fossem homólogos, provamos que não podem ser considerados relacionados, tratando-se de mera coincidência. Em seguida, destacamos que a análise do documento do dicionário português-chinês de Michele Ruggieri (Zhu 2025) nos permite propor uma nova datação para o étimo cantonês: assim, a expressão *faixas de comer* deve ser considerada o *terminus a quo*. Essa proposição constitui, assim, um avanço em relação a Dalgado (1919) e uma contribuição original deste trabalho.

Por fim, retomamos Perini-Santos (2015) que defende que, em situações de contato, as influências linguísticas mútuas perduram por muito tempo, sobretudo no caso de coexistência de línguas ou de situações de contato em contextos multilíngues, para os quais a nossa discussão é um caso exemplar. Assim, a existência de étimos, no português,

¹⁸ No *Corpus do Português*, muitas vezes a palavra *pauzinhos* aparece na expressão ‘mexer os pauzinhos’, portanto, essa expressão foi ignorada na contagem dos dados.

das línguas cantonês, maquista, mandarim e japonês é um produto desse ambiente de contacto as línguas se influenciam mutuamente.

Diante de uma nova tecnologia (utensílios para auxiliar a ingestão de alimentos), os portugueses ora se apropriaram da palavra cantonesa, ora da japonesa, ora da chinesa mandarim, a depender da latitude em que se encontravam. Porém, o uso dessa tecnologia ficou restrito ao ambiente de contato, até que a difusão das culinárias japonesas e chinesas, associada à imigração japonesa ao Brasil e à difusão das culturas alimentares chinesa e japonesa, criassem as condições para que o termo fosse reincorporado à língua portuguesa e, finalmente, se difundisse, ainda que possua uma forma concorrente autóctone, *pauzinhos*.

Agradecimentos

Agradecemos ao editor e a dois revisores anônimos pelos comentários e sugestões que enriqueceram este texto. Igualmente somos gratos a Zhu Chenglin pelos comentários, sugestões e pela generosidade em complementar o texto com dados chineses e sua tradução.

Bibliografia

- Anderson, Eugene Newton (1988): *The Food of China*. New Haven: Yale University Press.
- Biker, Julio Firmino Judice (1882): *Collecção de Tratados e Concertos de Pazos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Callado Crespo, Joaquim Heliodoro (1898): *Cousas da China: costumes e crenças*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Cardoso, Jerónimo (1569): *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*. Lisboa: Officina Ioannis Aluari.
- Collado, Diego (1632): *Ars grammaticae Iaponicae linguae*. Roma: Typis & impensis Sac. Congr. de Propag. Fide.
- Companhia de Jesus (1603): *Vocabulario da Lingoa de Iapam com a Declaração em Portugues, Feito por Alguns Padres, e Irmãos da Companhia de Iesu (Nippo-Jisho)*. Nagasaki: Collegio de Iapam da Companhia de Iesus.
- Dalgado, Sebastião Rodolpho (1919): *Glossário luso-asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Davies, Mark (2016–): *Corpus do Português*.
- Eberhard, David M./ Simons, Gary F. / Fennig, Charles D. (eds.) (2024): *Ethnologue: Languages of the World. Twenty-seventh edition*. Dallas: SIL International.
- Fernandes, M. d. S. / Baxter, Alan N (2004): *Maquista chapado: vocabulary and expressions in Macao's Portuguese Creole*. Macau: Instituto Cultural do Governo da Região Especial Administrativa de Macau.

Frellesvig, Bjarke (2010): *A History of the Japanese Language*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511778322>

Gonçalves Viana, Aniceto Reis (1906): *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa: A. M. Teixeira & c.ta.

Houaiss, Antônio / Villar, Mauro de Salles (2009a): *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Houaiss, Antônio / Villar, Mauro de Salles. (2009b): FACHI. In Dicionário Houaiss da língua portuguesa.

Lyra, Manuel de (1598): *Cartas qve os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa des do anno de 1549 até o de 1580*. Euora: Manoel de Lyra.

Marques Pereira, J. F. (1900): “Chinecizes... Notas para os ‘barbaros’ occidentaes”. *Ta-ssi-yang-kuó. Archivos e Annaes do Extremo-Oriente Portuguez* 1(1), pp. 293–304.

Masako, Ōta (2001): *Hashi no genryū o saguru: Chūkoku kodai ni okeru hashi shiyō shūzoku seiritsu 箸の源流を探究: 中国古代における箸使用習俗の成立* (*Investigation into the origin of chopsticks: the establishment of the habit of chopsticks use in ancient China*). Tokyo: Kyūko Shoin.

Mesnier, Pedro Gastão (1874): *O Japão: estudos e impressões de viagem*. Lisboa: Typographia Mercantil.

Miura, Yoshiyuki (1991): “Concerning the Usage of Chopsticks in East Asia ‘<論文>東アジアの箸文化小考: 食事用二本箸性起源と展開’”. *Comparative Folklore Studies (比較民俗研究会)* 3, pp. 40–85.

Moraes, Wenceslau de (1906): *Paisagens da China e do Japão*. Lisboa: Viuva Tavares Cardoso.

Perini-Santos, Pedro (2015): “Questionando a regularidade da formação das preposições: comentário sobre acidentes e contatos linguísticos”. *Papia* 25(1), pp. 27–37.

Priberam (2008–2025a): Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. In: S.A. Priberam Informática (ed.). Online.: Priberam Informática, S.A.

Priberam. (2008–2025b): Fachis. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. <https://dicionario.priberam.org/fachis>

Ruggieri, Michele / Ricci, Matteo (2001): “Facsimile do Dicionário Português-Chinês”. In John W. Witek (ed.), *Dicionário Português-Chinês*. Lisbon/Macau/San Francisco: Biblioteca Nacional de Portugal/Instituto Português do Oriente/Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History/University of San Francisco, pp. 221–502.

Song, Liming (2025): “A New Study on Vocabolario Port.Chin. (首部《葡漢詞典》新探)”. *Journal of Macao Polytechnic University (Humanities and Social Sciences Edition)* 28(1), pp. 70–78.

Souza Caldas, Anna Goulart de (1902): “Chins vistos de perto (Notas e apontamentos tomados em Macau)”. *Ta-ssi-yang-kuó. Archivos e Annaes do Extremo-Oriente Portuguez* 3(4), pp. 210–225.

Viaro, Mário Eduardo (2011): *Etimologia*. São Paulo: Contexto.

Wang, Q. Edward (2015): *Chopsticks: A Cultural and Culinary History*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139161855>

Xavier da Rua, Francisco (2023): *Relação Oficial da Embaixada do Rei D. João V de Portugal ao Imperador Yongzheng em 1725-1728*. Macau: Universidade de Macau.

Yin, Guangren / Zhang, Rulin (1751 [1950]): *Monografia de Macau*. Macau: Repartição Central dos Serviços Económicos, Secção de Publicidade e Turismo Imprensa Nacional.

Yin, Xiaojie/ Chen, Jia / Chen, Chunxue (2017): "A Study on the Diachronic Substitution of Zhu (箸) and KuaiZi (筷子) and Some Relevant Issues 再論“箸”與“筷子”的歷時替換及相關問題”. *Journal of Chinese Language History 漢語史學報* 17, pp. 140–149.

Zhu, Chenglin (2025): *Edições Semidiplomática e Modernizada do Vocabulário Português-Chinês*. Macau: University of Macau PhD.

Zhu, Chenglin / Araujo, Gabriel Antunes de (2025): “A ordem de eventos na redação do Vocabulário Português-Chinês”. *Estudos de Lingüística Galega* 17, pp.